

Ao mestre com carinho, um português que nos trouxe luz

» OTÁVIO RÊGO BARROS

General da reserva, foi chefe do Centro de Comunicação Social do Exército

Oito de setembro amanheceu radioso na capital da antiga colônia portuguesa. Céu azul como sempre, temperatura elevada e uma suave brisa avermelhada pela seca que castiga a cidade. Brasília despertou da ressaca pelas comemorações do Bicentenário da Independência com boas notícias.

Os eventos que se encontravam sub judice, cercados por preocupações acerca de questões de segurança, transcorreram dentro da normalidade. As bandeirolas verdes e amarelas, cores de nossa alma, ainda balouçavam nos postes do imponente Eixo Monumental.

Todavia, a nação recomeçava sua caminhada para mais um dia de atribuições — desemprego elevado, transporte público lotado, famílias com fome, brigas eleitorais —, órfã de um discurso de esperança. Um professor, vindo d'além-mar, se dispôs a assumir essa tarefa perante o Parlamento brasileiro. Ele a redime, nação, em uma fala tomada de sentimento e história.

Marcelo Rebelo de Sousa, presidente de Portugal, vestido com a dignidade da profissão de ensinar, nos instruiu em 12 minutos a reconhecer e valorizar a trajetória de nosso povo em seus 522 anos de existência. Chamou ao púlpito Dom Pedro e discorreu sobre os fatos históricos que o dignificaram como libertador e defensor do Brasil.

Lembrou-nos o mestre, com carinho, o acelerado fluxo de acontecimentos de 1822: "O fico pela vontade do povo em 9 de fevereiro, a aceitação do título de defensor do Brasil em 13 de maio, a reunião dos constituintes no Rio de Janeiro em 3

de julho, o impulso realíssimo da imperatriz dona Leopoldina e, por fim, o lendário grito 'Independência ou Morte'".

Sua sensibilidade também iluminou a unidade linguística, as vivências religiosas e culturais e o sem-número de africanos, pelas suas escravidões, explorações e discriminações seculares que marcaram a nossa trajetória desde a colônia até os nossos dias.

Relembrou o centenário de nossa Independência, impactado pela efervescência da Semana de Arte Moderna, ao oferecer o discurso de um seu compatriota, naquela ocasião, o presidente Antônio José de Almeida, para meditação da plateia.

"Estou aqui em nome de Portugal para agradecer aos brasileiros o favor que hoje nos prestaram a nós, proclamando-se independentes." Agradeceu, ele próprio, Marcelo Rebelo, por reconhecer que portugueses, estando, sem dúvida alguma, exaustos e debilitados, não teriam condições de manter a unidade de tamanhas terras, e veriam seu esfacelamento em diminutos rincões, à semelhança da espanhola América. Agradeceu por escritores como Mário de Andrade, Carlos Drummond de Andrade, Graciliano Ramos, Jorge Amado e músicos como Heitor Villa-Lobos, Ary Barroso, Luiz Gonzaga, Tom Jobim, entre outros.

Quem, senão uma sensível alma de estadista, tomaria referências culturais para fotografar o nosso país? Agradeceu por termos conquistado o direito de falarmos por primeiro na abertura anual da Assembleia-Geral das Nações Unidas, símbolo de um mundo de olhar humanista, aberto à paz, ao multilateralismo, aos direitos humanos, aos valores da carta

e do direito internacional. Agradeceu a constância dos anseios de inclusão, o grande desafio deste tempo, envolvendo justiça social, inventiva, educativa e cultural, científica e tecnológica para além das conjunturas passageiras de cada período ou instância.

Aqui, sua sutileza diplomática, que nos escancara os problemas mais prementes de nosso povo, não pode passar-nos despercebida. Já por concluir, o veterano mestre nos exalta e emula: "Queridos irmãos brasileiros, continuei a maravilhar-nos como pátria de liberdade, de democracia, de justiça, de sonho, de esperança, de reinvenção ilimitada, potência universal no presente e no futuro".

Chegou a nossa hora, brasileiros, de agradecer a esse ilustre professor, dirigente maior de nossa pátria mãe, por trazer à realidade as fantasias, sem ofensas, sem platitudes. Uma realidade a ser enfrentada como eles enfrentaram os oceanos bravios e desconhecidos para oferecer ao mundo novas terras e novas civilizações.

Hora de agradecer por ele ter completado com dignidade as falas de nossos legisladores, em uma simbiose de liturgia racional e emocional, que o Brasil estava a nos cobrar desde a véspera das solenidades cívicas-militares, que se transformaram, em alguns momentos, em pendengas eleitorais.

Hora de assumirmos, tomando como exemplo os próceres da nossa Independência, as rédeas de nosso destino e transformarmos este país de tanta fartura natural, riqueza cultural, diversidade política, potencialidade econômica e, nosso maior tesouro, um povo disposto a recomeçar sempre, em uma terra que nos encha de orgulho. Paz e bem.

Entre oligarcas e bilionários

» THIAGO DINIZ

Publicitário, jornalista, mestre em marketing pela The University of Huddersfield e doutorando em comunicação pela UFPE

Em meio ao ensaio para uma nova Guerra Fria e com administrações públicas brasileiras invocando o pior dos anos 1960 e 1970, surge na esfera capitalista mundial duas figuras aparentemente opostas odiadas e admiradas pelos contadores de histórias. De um lado, os russos oligarcas e, de outro, o bilionário chamado de excêntrico Elon Musk.

Apesar de frutos de uma mesma era e de um mesmo produto — o aparente sucesso do capitalismo —, as imagens de ambos parecem trazer ao mundo da nova Guerra Fria heróis americanos e vilões russos no maior estilo hollywoodiano Rocky x Drago. Para os nascidos nos anos 1970, essa referência pode até parecer evidente, mas, para os mais novos, preciso esclarecer.

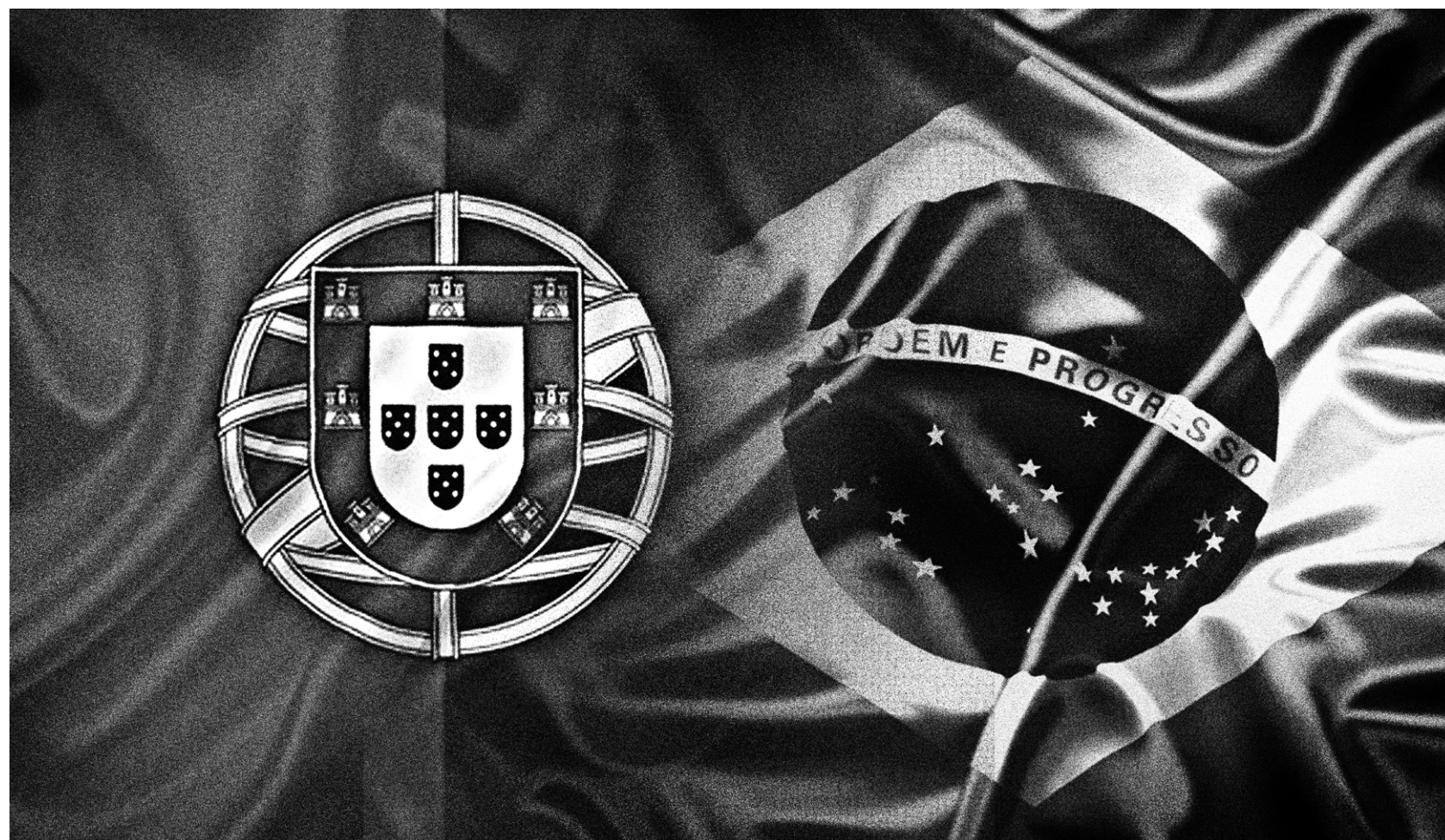
Rocky IV é um filme que celebra a *american way of life* em contraposição ao modo de vida soviético. Na película, Rocky, lutador de boxe norte-americano decadente e self-made man enfrenta Drago, pugilista russo que conta com toda a tecnologia disponível para a época e talvez também com algumas doses cavalares de anabolizantes. No contexto dos anos 1980, essa abordagem apresentava a estratégia de diplomacia pública americana. Influenciar pensamentos por meio de uma imagem positiva ligada à liberdade e democracia sempre foi o objetivo do *soft power* dos Estados Unidos. Aliás, o *soft power made in USA* está presente no dia a dia brasileiro mais do que a gente imagina. Conta aí qual é a melhor série que você já viu? Falada em inglês? Ambientada em Nova York? Seis amigos com empregos mais ou menos sempre estão apoiando uns aos outros? Pois é, *Friends* também aqui, mas esse já é um outro assunto. Será?

Em diplomacia pública, as ferramentas postas estão ali. Construção de imagem de um país na tentativa de criar simpatia aos cidadãos de outras nações. Os grandes impérios, inclusive, criaram estruturas permanentes de promoção de cultura e estilo de vida. Algumas ferramentas você conhece pelo nome de Cultura Inglesa, Aliança Francesa, Instituto Cervantes, Instituto Goethe ou, mais recentemente, a escola canadense Maple Bear. Os Estados Unidos foram além. A estrutura de comunicação é eficiente já que a indústria do cinema comercial (ou das séries televisivas) que conhecemos hoje está sediada lá, contando histórias americanas ou mesmo mundiais, mas sempre com um olhar do Tio Sam sobre o tema. Filmes em que os vencedores são ianques sempre estiveram em cartaz. Vietcongues, soviéticos ou extra-terrestres são fichinha para o mito do herói capitalista libertador do mundo.

O fato é que agora, na segunda década do século 21, na falta de uma China visivelmente beligerante, os russos aparecem de volta como o inimigo da vez. Desde o ano passado até hoje, temos acompanhado diversas ações de relações públicas provenientes do homem mais rico do mundo. Elon Musk, nascido na África do Sul, radicado no Canadá e naturalizado norte-americano incorpora como ninguém a imagem de sucesso, competência e inovação. Realizou o sonho — ainda que de muito poucos — de levar o ser humano ao espaço — em meio a uma pandemia sem precedentes, anunciou a compra de uma das redes sociais mais influentes do mundo, incluídas aí movimentações complexas após essa suposta aquisição.

Ao mesmo tempo, no início da guerra da Ucrânia, as notícias vindas dos bilionários da Rússia davam conta de homens corruptos que se aproveitaram da queda da União Soviética e se mancomunam com a sucessão de administrações Vladimir Putin para fazer fortuna especialmente na indústria monopolizada de óleo e gás. Aos olhos do planeta, criminosos donos de times de futebol, iates luxuosos e de uma vida sem comparação com a nossa aqui de baixo. Estava ali uma massa amorfa de também bilionários, mas que foram apelidados de oligarcas — já que, dessa vez, o anabolizante são os supostos contratos com o governo russo.

Musk? Ao contrário. Homem bilionário, empreendedor corajoso de diversas empresas do ramo de energia, IA e tecnologia. O mito do herói em carne viva não gera para si nenhum questionamento a respeito do Monopólio Digital que controla. Aliás, meio bolchevique essa coisa de monopólio, não? O fato é que, na prática, bilionários e oligarcas servem ao mesmo rei. Mas para quem transmite imagem, a coisa parece ser distinta, quando não é.



Renovação da FCA é excelente para o Brasil

» FERNANDO SIMÕES PAES

Advogado, diretor-executivo da Associação Nacional dos Transportadores Ferroviários (ANTF)

O setor ferroviário brasileiro passa por uma revolução. Está em curso no Brasil uma série de renovações antecipadas das concessões de linhas férreas. Desde 2015, governo e iniciativa privada estão criando bases para impulsionar a economia, gerar empregos, tributos para União, estados e municípios e contribuir para o maior equilíbrio da matriz logística de cargas nacional.

Nesse contexto está inserida a tratativa da Ferrovia Centro-Atlântica (FCA), controlada pela concessionária VLI, junto à Agência Nacional de Transportes Terrestres (ANTT). A empresa pleiteia a renovação antecipada por mais 30 anos com o compromisso de investimentos e a modernização do acordo vigente. O rito desse processo tem seguido com total transparência. Maior ferrovia do Brasil, a FCA está presente em cerca de 250 municípios e é extremamente relevante para a logística ferroviária brasileira, responsável por conectar diferentes regiões do Brasil.

A renovação da concessão até 2056 vai fomentar uma nova onda de investimentos expressivos com o aporte de R\$ 13,8 bilhões divididos em modernização, construção e ampliação de pátios, sistemas de sinalização e manutenção dos ativos. Haverá destinação de recursos para soluções de conflitos urbanos e projetos estruturantes, definida a partir de políticas públicas apontadas pela ANTT e pelo Ministério da Infraestrutura.

Um dos investimentos de política pública que

vem sendo discutido é a extensão da ferrovia até o noroeste de Minas Gerais, que poderá fomentar o volume e diversificar as cargas escoadas para os portos do Espírito Santo. Investimentos como esse podem gerar emprego e renda para as pessoas, além de ajudar a desenvolver novos negócios.

Não existe a possibilidade de equilibrarmos a matriz de transportes se não houver uma robusta política de Estado que ancore e direcione os projetos existentes no país, e a renovação da FCA está sendo discutida levando em conta a solução de gargalos históricos. Essa é exatamente a maior virtude do programa das renovações antecipadas. Lançada em junho de 2015, a iniciativa foi recepcionada e aprimorada pelos governos subsequentes, inclusive com a edição de uma lei estabelecendo os critérios mínimos para essas renovações.

A renovação da FCA, prevista desde o início do programa, foi qualificada pelo PPI em 2017, incluída no Plano Nacional de Logística e será a última de um primeiro bloco que trazia ainda a Malha Paulista, as estradas de ferro Vitória a Minas e Carajás e a Malha Sudeste. Trata-se, portanto, da continuidade de uma política pública estabelecida há sete anos e que, além de destruir investimentos, eleva a competitividade da logística ferroviária brasileira.

Após deliberação por parte da ANTT e do Minfra, a renovação antecipada da FCA será ainda submetida ao escrutínio do Tribunal de Contas da União, que já analisou e autorizou as quatro renovações mencionadas anteriormente. Também ao

longo desse processo serão tratadas as questões relativas à devolução de trechos, um direito das concessionárias desde o Decreto 1.832, de 1996. Assim como as demais malhas com as mesmas características (traçados centenários e extensão de milhares de quilômetros), a renovação da FCA é um processo complexo justamente por envolver a discussão de novos usos para trechos de baixa demanda.

O mais importante é o fato de o procedimento de renovação enfrentar essa questão de uma vez por todas. Os trechos que se mostrem antieconômicos na modelagem da concessão podem não ser renovados, mas serão realizados estudos atinentes a cada um deles, a fim de auxiliar o governo federal.

Eventual procrastinação do processo de renovação da FCA não terá o condão de modificar a situação dessa malha tão extensa, que seguirá com trechos cuja demanda não permite sua exploração pela concessionária. O quanto antes enfrentarmos essa questão da devolução e reutilização de trechos, mais cedo poderemos ter um endereçamento adequado e efetivo para esses ativos.

Em um país de dimensões continentais, a ferrovia precisa exercer um papel mais significativo na movimentação de cargas. Hoje, os trens transportam cerca de 20% do total de cargas. As renovações antecipadas estão ajudando a transformar essa realidade. Ao prorrogar o contrato da FCA, o poder público permite que o que já está sendo feito possa ser aprimorado. É positivo para o país e bom para todos.